ZELLEWENN ES DUNKEL WIRD

Jamie Man



20 set 22

20 set 22 TERCA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Jamie Man Composição e Direção

Peter Stamm Texto Steve Katona Contratenor Ryoko Aoki Nô Olesya Zdorovetska Canto gutural Asko Schönberg Execução musical Wiek Hijmans Guitarra elétrica Joey Marijs Percussão Tatiana Rosa Eletrónica Ezra Veldhuis Desenho de luz e Cenografia Tomas Serrien Dramaturgia Fredrik Tjaerandsen Figurinos e insufláveis Brecht Beuselinck Desenho de som **Johannes Ringoot Luzes** Liesbet Termont Direção de Produção

ZELLE

WENN ES DUNKEL WIRD (A cela / Quando escurece)

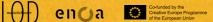
PRODUÇÃO LOD muziektheater (BE)

COPRODUÇÃO Theater-und Musikgesellschaft Zug (CH), deSingel (BE), Asko|Schönberg (NL), Palau de les Arts Reine Sofia (ES), DeMunt Brussels (BE), Festival d'Aix-en-Provence (FR), Fundação Calouste Gulbenkian (PT)

APOIO enoa / Creative Europe Programme of the European Union e Programa Tax Shelter do Governo Federal da Bélgica







Sobre "Zelle"

Como será estar num lugar sem sentido ou simbologia? Um lugar onde não vemos a nossa imagem refletida nos olhos dos outros? Como é que nos sentimos quando entendemos a realidade como uma perceção de muitas vozes e personalidades que vivem na nossa própria mente? Em Zelle: wenn es dunkel wird, da compositora e diretora artística sino-britânica Jamie Man, temos um vislumbre deste estado especial de existência.

Para a sua nova ópera de câmara, Jamie Man trabalhou sobre um texto poético do autor e libretista suíço Peter Stamm. O enredo desenrola-se numa região montanhosa durante o inverno. Uma mulher, suspeita de ter matado os próprios filhos, é encontrada numa pequena cabana no topo das montanhas, sozinha. Uma investigadora interroga a mulher; não obtém respostas e dá por si a refletir sobre o seu próprio estado de espírito. O diálogo entre as duas mulheres é um elemento central do espetáculo. No entanto, a narrativa não é simplesmente apresentada ao público. Uma voz descreve o contexto em concreto, enquanto o espectador é imerso na atmosfera surreal e sombria onde surgem vários personagens desconhecidos.

Esta atmosfera alienante faz a história desmoronar-se. *Zelle* cria uma experiência opressiva e misteriosa. Sem mensagem concreta e sem intérpretes de uma história predelineada e colocada em música como numa ópera clássica. Jamie Man constrói

as expectativas do espectador de ópera, para logo de seguida as derrubar. A tensão entre a criação e o desaparecimento das expectativas faz de *Zelle* um mundo de sonho na ténue fronteira entre facto e ficção.

Nela, o espectador contacta com o estado mental da entrevistada (interpretada por Ryoko Aoki), cuja imaginação, história de vida e sonhos são centrais. Ela procura alcançar a claridade na confusão dos seus pensamentos. A sua experiência simboliza as profundezas insondáveis da mente humana. A interpretação arrasta o público para a sua realidade distorcida de uma forma sensorial intensa.

Com um cenário enevoado e chuvoso, o público é imerso num banho sónico de sons ruidosos e agudos. Este som é entrelaçado com uma voz gutural, uma voz feminina com o âmbito de um barítono, e um contratenor masculino. Esta combinação atípica de sons, juntamente com o design de luz, opressivo e escuro, de Ezra Veldhuis, desperta sentimentos de alienação "lynchianos". Quanto mais a performance progride, maior o mistério. Os diálogos fragmentam-se, os personagens mudam de género inexplicavelmente e surgem mais perguntas do que respostas. Os símbolos perdem o seu significado. O nevoeiro adensa-se. A clareza desvanece-se. O que resta é uma perceção assombrosa de vozes repetitivas, simbolizando os diferentes "eus" nas nossas mentes e as contradições da vida quotidiana.

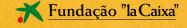
Jamie Man

Jamie Man 文珮玲 (Londres, 1987) é uma criadora de obras principalmente focadas na música e no mistério poético daquilo que somos. Body Language (LOD muziektheater, 2014) e PLAY: Episodes in Subspace (Fundação Calouste Gulbenkian, 2016) foram as suas primeiras obras a explorar vividamente a natureza do masoquismo e a violência do olhar voyeurístico. Estas tentativas de "esculpir" uma música capaz de atravessar planos materiais e imateriais lançaram as fundações para muitos dos trabalhos que se seguiriam, incluindo Shi (2017), Geburt (Berlim, 2019) e uma série contínua de obras intitulada Outrenoir. Inspirada nas telas escuras e sombrias do artista francês Pierre Soulages, cada obra é uma instalação-performance que explora

as diferentes formas de perscrutar a escuridão. Outrenoir I: A reflection foi criada para o Ensemble Xenon (Berlim, 2018), Outrenoir II: Appetitus, para o London Symphony Orchestra Soundhub (2019) e Outrenoir III: The Little Death, para as San Francisco Symphony Soundbox Series (2022). Connaissez-vous le cri du Chocard?, para orquestra, luz e escuridão, foi encomendada pela Orquestra de Câmara de Paris e pelo Théâtre du Châtelet (Paris) em 2020, com o apoio do fundo franco-britânico Diaphonique. Jamie Man foi compositora incorporada do Mahogany Opera Group (2013-15), Artista em Residência enoa no LOD muziektheater (2018), "Soundhub Composer" com a London Symphony Orchestra (2018-2019) e é membro do projeto Sonotomia da UE.

MECENAS PRINCIPAL GULBENKIAN MÚSICA









MECENAS CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS CICLO DE PIANO











De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papel reciclado e certificado pela Fedrigoni.